O tempo também se revela nos lugares que construímos para esperar.
A partir dessa percepção, passa-se a considerar as possibilidades de leitura de uma sociedade pela maneira como ela organiza o aguardo. Entre a necessidade de partir e a condição de permanecer, o humano estabelece relações com o espaço, atribuindo formas e funções aos instrumentos que passam a mediar sua experiência do tempo.
Essas relações se tornam visíveis nos objetos e nas construções comuns ao cotidiano. Sua disposição nos territórios expressa escolhas, necessidades e modos de compreender a presença humana. Ao criar lugares de espera, uma sociedade também manifesta o que oferece a quem aguarda: as possibilidades de repouso, proteção e pertencimento, assim como as condições de exposição e desamparo.
Em ESPERA, são os pontos de ônibus que assumem o protagonismo dessa leitura. Reconhecidos como estruturas de apoio ao deslocamento, eles tornam palpável o intervalo entre estar e seguir. Sua arquitetura participa da experiência de quem permanece, acolhendo o corpo ou submetendo-o aos limites do lugar. Neles, o aguardo ganha matéria, posição e medida.
O recorte geográfico percorre territórios urbanos e rurais de seis estados brasileiros: Ceará, Rio de Janeiro, São Paulo, Maranhão, Pernambuco e Rio Grande do Norte. As fotografias dos cearenses NEGROSOOUSA (@negrosoousa) e Antônio José (@sou.antonio_), integrantes do coletivo Araces, aproximam diferentes configurações desses espaços, observando como sua construção e sua inserção na paisagem revelam maneiras de organizar a vida coletiva. Cada ponto permite interrogar quem foi considerado em sua concepção e quais necessidades encontram lugar em sua estrutura.
A exposição se projeta para além do registro documental ao compreender os pontos de ônibus como instrumentos de leitura das relações entre corpo, tempo e território. A fotografia desloca a atenção para essas arquiteturas e para o tratamento humano que nelas se inscreve. Entre o que construímos para aguardar e o que vivemos enquanto aguardamos, ESPERA propõe reconhecer como o espaço dá forma ao tempo — e como essa forma incide sobre nós.